

Veículo: *O Estado de S.Paulo* – coluna Espaço Aberto

Data: Junho/2008.

A China das pessoas

Fernando Henrique Cardoso

Estive na China nos dez últimos dias de maio. Na primeira vez em que andei por lá, em 1995, era presidente da República. Em visita oficial vêem-se muitos tapetes vermelhos, conversa-se com os líderes políticos, há muitos banquetes, mas pouco se vê do povo. Desta feita, viajando com um casal amigo, foi diferente: fomos ver a China do dia-a-dia, sem estatísticas ou relatórios oficiais.

Por onde passei vi obras em andamento e me entusiasmei com a grandiosidade, tanto nos aeroportos e terminais de Beijing ou de Xangai como na longínqua cidade de Urumqi, na região autônoma de Xinjiang, que faz fronteira com o Casaquistão e a Mongólia. A cidade, plantada no deserto de Gobi, tem cerca de três milhões de habitantes, um enorme aeroporto, hotéis de luxo, muitas fábricas e é um centro comercial que espalha produtos por toda a Ásia Central. Cidades bem menores, como Turpan, no Xinjiang, ou Dunhuang, em um oásis da vizinha província de Gansu (uma das mais pobres da China) dispõem também de razoável base urbana com certo dinamismo.

Eu esperava ver Beijing transformada, mas não tanto: avenidas largas com edifícios modernos. A Cidade Proibida não perdeu o charme e prova que vem de longe o senso monumental na China. Hoje os monumentos são de uso público: o enorme e belo estádio das Olimpíadas ou o teatro nacional em forma de gigantesco ovo de avestruz. Diante deles a praça de Tiananmen, se não se apequenou – o que seria impossível – fez do retrato de Mao um detalhe menor, até porque encolheu.

A realização das Olimpíadas dá ensejo a obras urbanas mesmo em pequenas cidades e serve para reafirmar os avanços alcançados. Mormente agora, com os terremotos e inundações a desafiar a capacidade de resposta do governo à tragédia. Em mais de uma ocasião nossos interlocutores mencionaram com emoção que o presidente Hu Jimbao e

seus ministros estão percorrendo as áreas afetadas, cena rara em um país em que o poder era distante do povo. Agora a TV o mostra próximo.

Xangai é um misto de Disneylândia com pós-modernismo. Olhar do topo de um prédio das antigas concessões coloniais para o outro lado do rio Huangpu e ver Pudong (área povoada por favelas em 1995) com seus altíssimos e heterogêneos edifícios impressiona tanto quanto ver São Paulo do alto de um edifício da avenida Paulista. Com uma diferença: entre os prédios há espaços, algumas vezes jardins que amenizam o ar pesado de poluição.

Com o passar dos dias, mais do que a grandiosidade o que marca é ver as pessoas, cômodas em suas cidades e povoados, decentemente trajadas, amáveis e brincalhonas, nas lojas, nas ruas, nos bares ou nos mercados populares. Frutas, legumes, peixes e carnes abundam nos mercados de Xangai. Também nos mercados das áreas pobres, nos cafundós da China profunda, não falta comida. Almoçamos na casa de uma família, chefiada por uma viúva, em plena zona rural em Turpan, onde produzem uvas no deserto irrigado e acumulam terras e algum bem-estar. De socialismo ninguém fala.

Xinjiang é uma das regiões autônomas da China. Em Urumqi, oitenta por cento da população é chinesa (han). Na Província vivem cinco ou mais milhões de Uígyres, um povo que fala uma língua de raiz turca e tem assegurados direitos específicos: são educados na própria língua e no mandarim, podem ter mais de um filho e exibem com orgulho sua cultura. Perguntei à guia local (uma próspera empresária, fluente em inglês, filha de médicos que foram “reeducados” nos tempos da Revolução Cultural, inscrita no Partido Comunista, profundamente orgulhosa de seu povo e muito à vontade na China da economia de mercado) se era chinesa ou uigur. Custou um pouco a responder: “sou uigur, mas sou chinesa”, como o governo da China gostaria que os tibetanos respondessem.

Em Xangai havíamos jantado na casa de uma empresária importante (faturamento de cerca de um bilhão de dólares). Ela mencionou que tinha uma fábrica de tecidos no meio de nada, em Turpan, pois fabrica roupas de marca para todo o mundo. Visitamos a fábrica. Lá dentro, tudo automatizado e muito limpo. Os operários, na maioria mulheres, com aventais protetores ou, na saída, trajadas com zelo, apenas com menos calças jeans

e mais vestidos do que as ocidentais.

Dunhuang contém uma preciosidade, os murais e estátuas budistas nas cavernas, protegidas do desgaste dos séculos pela secura do clima, que só permite aglomerados humanos porque das altas montanhas fluem fios d'água que inundam o subsolo. Ligando as cidades, separadas por centenas de quilômetros umas das outras, há estradas de boa qualidade. No meio do deserto, a linha férrea. O que foi a "Rota da Seda" dos camelos (que ainda andam por lá), pela qual passaram Marco Pólo e Gengis Khan, continua a ser um eixo de comunicação importante. Por ela já não passam vândalos, mas comerciantes e turistas.

Por fim, em Xangai depois de visitarmos um templo budista, cheio de religiosos e fiéis, caminhamos nos Li nong (ou Hutong em Beijing), antigas casinhas de vila, apertadas, como um cortiço, separadas da rua por muros, com um portão de entrada. Nas vielas, casas com pequeno comércio, trabalhos manuais e um comitê cívico, de onde emanam as diretivas. Na procura dos bairros mais populares, Ruth e eu visitamos o apartamento de uma família de mãe trabalhadora aposentada, pai empregado na distribuição de mercadorias e filha estudante de teatro. Apartamento, eu diria de classe média baixa: pequeno, mas bem dividido e bem mobiliado. Há milhares de conjuntos habitacionais desse tipo.

Mesmo procurando, vi pobreza, mas não miséria, no campo ou nas cidades. Poucas bicicletas e muitos autos. Ao lado dos mercados pobres, muitas lojas de marca famosa. Um caleidoscópio atraente, difícil de focalizar.